

**A figuração da extrema-direita brasileira no jornalismo de revista:
Jair Bolsonaro como personagem jornalística em capas de Veja e Carta Capital**

*The figuration of the Brazilian extreme right in a magazine:
Jair Bolsonaro as a journalistic character on the covers of Veja and Carta Capital*

Annelise BERTUZZI BEZERRA¹
Bruno Bernardo de ARAÚJO²

Resumo

O artigo desenvolve uma análise da figuração de Jair Bolsonaro como personagem jornalística nas revistas Veja e CartaCapital. Por figuração, entende-se a seleção de características de um dado ator social, que, inserido nas narrativas jornalísticas, passa a ocupar lugar de personagem jornalística, exercendo lugar central na construção social de sentidos. O trabalho procura mostrar a vitalidade dos estudos da narrativa, a partir da categoria “personagem”, para a compreensão do jornalismo de revista como produtor de sentidos sobre o universo da política, especialmente acerca da conjuntura brasileira atual, marcada pela atuação de um governo de extrema-direita saído das eleições de 2018. Para isso, contextualiza-se o último pleito eleitoral para a Presidência da República, exploram-se os conceitos de narrativa, personagem jornalística e figuração e problematizam-se algumas das características do jornalismo de revista, especialmente a capa, como locus marcado por uma imagética de ampla riqueza semiótica.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Personagem jornalística. Jornalismo de revista. Figuração. Jair Bolsonaro.

Abstract

The article develops an analysis of the figuration of Jair Bolsonaro as a journalistic character in the magazines Veja and CartaCapital. By figuration, we mean the selection of characteristics of a given social actor, who, inserted in the journalistic narratives, takes the place of journalistic character, exercising a central place in the construction of senses. The work seeks to show the vitality of narrative studies, from the “character” category, for the understanding of magazine journalism as a producer of meanings about the universe of politics, especially about the current Brazilian conjuncture, marked by the performance of a government of extreme right out of the 2018 elections. For that

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail: annelisebertuzzi12@gmail.com

² Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de jornalismo da UFMT. E-mail: brunoaraujo@ufmt.br

purpose, the last electoral election for the Presidency of the Republic is contextualized, the concepts of narrative, journalistic character and figuration are explored and some of the characteristics of magazine journalism are discussed, especially the Cape. It is noticed that despite some approximations, in the analyzed corpus, there is a clear difference in the effects of meaning constructed by the magazines.

Keywords: Journalistic narrative. Journalistic character. Magazine journalism. Figuration. Jair Bolsonaro.

Introdução

Com o objetivo de compreender o lugar do jornalismo, especialmente o de revista, na construção de sentidos sobre a política numa quadra histórica marcada pela emergência de discursos e práticas do populismo autoritário, este texto tem o objetivo de analisar a figuração de Jair Bolsonaro em seus primeiros meses de governo nas capas das revistas *Veja* e *CartaCapital*, publicações semanais, de espectros ideológicos distintos. Por figuração, conceito a que voltaremos adiante, entende-se o processo de seleção dos traços característicos de um dado ator social, que, inserido nas narrativas jornalísticas, ocupa lugar de personagem, fabricada a partir de escolhas lexicais e ideológicas, com lugar central na construção dos sentidos sobre o real a partir do campo social do jornalismo.

Cumprir notar que as atitudes de Jair Bolsonaro, escrutinadas adiante, situam-no no espectro da extrema-direita. Assim, analisar como *Veja* e *CartaCapital* têm representado o atual presidente brasileiro é também um modo de entender como ambas têm significado a extrema-direita que governa o país e da qual Bolsonaro é símbolo. Da mesma forma, analisar a questão em edições de revistas tão diferentes do ponto de vista ideológico é uma oportunidade para verificar se permanecem, ou não, as assimetrias editoriais verificadas nos dois veículos em tempos de normalidade política. Em outras palavras, interessa verificar em que medida *Veja* e *CartaCapital* se aproximam ou se distanciam na fabricação de sentidos sobre um líder que desafia as experiências democráticas vivenciadas no país desde a sua redemocratização, em 1985.

O artigo se divide em seis partes: (i) contextualização do momento político brasileiro e a ascensão da extrema-direita; (ii) discussão sobre narrativa e jornalismo, destacando-se a categoria *personagem*; (iii) apontamentos sobre o jornalismo de revista e a capa; (iv) metodologia; (v) apresentação dos dados; e (vi) conclusões.

As eleições de 2018 e a ascensão da extrema-direita no Brasil

A reemergência de discursos populistas de direita passou a ser uma tendência comum em vários países ao menos desde a década de 1990, com a eleição de Silvio Berlusconi na Itália, no rescaldo de uma operação de combate à corrupção que desestabilizou o sistema político italiano. Mas o debate sobre o fenômeno do populismo autoritário passou a ganhar maior força entre os pesquisadores de comunicação e política a partir da eleição americana de 2016, com a vitória de Donald Trump. Defensor de valores ultranacionalistas, Trump foi autor de ataques à imprensa e aos imigrantes e adotou, como principal estratégia de campanha, a exploração do medo e a criminalização de adversários, por meio de processos de desinformação nas redes e nos *media* sociais.

No Brasil atual, o populismo de extrema-direita ganhou força a partir das eleições de 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro, pelo *Partido Social Liberal*. Mas a ascensão dessa figura começou a ser gestada antes, a partir de um conturbado processo de crises políticas em anos anteriores. O fenômeno que eclode em junho de 2013, as *Jornadas de Junho*, ressignificou a tessitura social e política brasileira e pode ser identificado como um dos eventos que estiveram na antessala da realidade política do Brasil de hoje. O que parecia ser um movimento de rua genuíno viria a converter-se numa onda de contestação do próprio sistema político. Os movimentos foram rapidamente cooptados por grupos conservadores, que se aliaram a forças políticas e midiáticas para lançar dúvidas sobre a lisura do processo eleitoral de 2014, quando Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, conquistou a reeleição, contra o então candidato do Partido da Social Democracia Brasileira, Aécio Neves (TELLES, 2015).

A partir daí, a crise política se intensificou até que fossem criadas as condições para o impedimento de Rousseff, em 31 de agosto de 2016, num processo de *impeachment* capitaneado por Eduardo Cunha, acusado e preso por corrupção, que dividiu a sociedade, esgarçou ainda mais o tecido social e lançou dúvidas na comunidade jurídica sobre a sua legalidade. A natureza do processo levou muitos autores a definir o veredito como um *golpe parlamentar* (GUAZINA, PRIOR, ARAÚJO, 2019).

Por seu turno, a Operação Lava Jato teve papel determinante neste *caldo de cultura* gerador da extrema-direita. Com início em 2014, a operação foi celebrada na mídia hegemônica do país. Apesar dos esquemas de corrupção relevados, a celebração midiática da operação teve impactos negativos na condução de vários processos, como os que envolvem o ex-presidente Lula da Silva, condenado e preso pelo ex-juiz Sérgio Moro, cuja ação fora determinante para a eleição de Bolsonaro. Depois de eleito, este convidou o juiz para assumir o Ministério da Justiça. Moro aceitou.

A condenação e a prisão do ex-presidente Lula da Silva, que permaneceu 580 dias no cárcere, ficando fora da disputa eleitoral de 2018, ajudaram a levantar suspeitas sobre a imparcialidade de Moro, como evidenciaram as mensagens reveladas pelo site *The Intercept Brasil*, nas quais o ex-juiz e os procuradores trocam informações sobre o caso de Lula. A mediatização da Operação Lava Jato aumentou o clima de desconfiança na política, contribuindo para elevar a polarização no país (CIOCCARI, 2015; MATOS; FORMENTIN, 2017), o desalento com as instituições e ressentimentos da classe média.

A subida da extrema-direita ao poder tem relação igualmente com a adoção de uma estratégia de comunicação política muito eficaz, baseada na propagação de desinformação pelas redes, à semelhança do que ocorreu na campanha presidencial americana de 2016. Jair Bolsonaro apresentou-se como catalisador de um *mal-estar generalizado*, criado e nutrido ao longo de anos no Brasil, inclusivamente pelos grandes veículos de informação. O parlamentar utilizou fortemente as redes e os *media* sociais para construir a campanha, dando notoriedade a ideias ultraconservadoras, militaristas, ultraliberais na economia (apesar de jamais ter sido um liberal, nos trinta anos em que permaneceu como deputado federal) e autoritárias, como a defesa da “expulsão dos vermelhos do país”, em alusão aos adversários. Essas estratégias se fundamentam na criação de inimigos imaginários, comum aos populistas autoritários recentes (MOUNK, 2018).

Durante a campanha, os apoiadores de Bolsonaro eram designados, por ele mesmo, como o “povo puro”, “os patriotas”, “os cidadãos de bem”. Na retórica populista, estes constituíam um “nós” coletivo, que devia polarizar incessantemente com um outro – o “eles” – os “inimigos da pátria”, formados pelos “petistas”, “comunistas”, “corruptos” e “esquerdistas” – adjetivos comuns à retórica bolsonarista. Ao contrário do populismo clássico, historicamente protagonizado, na América Latina, por líderes da esquerda, no populismo autoritário, os inimigos não são apenas as elites

econômicas, mas os grupos socialmente vulneráveis, as instituições da democracia ou as instâncias que produzem conhecimento, como as universidades e os centros de pesquisa.

Contra o candidato do PT, Fernando Haddad, Bolsonaro foi eleito, na noite de 28 de outubro de 2018, marcando o início da chegada ao poder da extrema-direita, personificada na sua figura. Para compreender como as narrativas jornalísticas sobre o presidente brasileiro o configuraram como personagem e as implicações deste processo na construção social de sentidos, discutiremos a seguir conceitos como narrativa, figuração e personagem jornalística.

Narrativa e figuração da personagem jornalística

As narrativas estão presentes na vida dos seres humanos desde o momento em que fomos capazes de produzir linguagem. Trata-se de um fenômeno transhistórico (BARTHES, 1977). Inicialmente ligada aos estudos da literatura, desde a segunda metade do século XX, a narratologia se abriu ao estudo de outras narrativas, configurando-se, mais recentemente, como campo de pesquisa promissor, os estudos narrativos mediáticos (PEIXINHO, 2014). No Brasil, Gonzaga Motta (2013) é um dos nomes mais conhecidos na aproximação entre narrativa e jornalismo, oferecendo uma visão profícua para o estudo do jornalismo como produtor de narrativas. O autor defende que “(...) os enunciados narrativos se tornam comuns nos discursos jornalísticos por possibilitarem uma perspectiva ou desenrolar lógico e cronológico para aquilo que se deseja veicular, além de ser uma excelente estratégia para causar certos efeitos de sentido” (MOTTA, 2005, p. 89). Assim, o jornalismo é uma instância narrativa de produção de sentidos, que organiza os fatos do dia em *enredos/intriga* determinados (acontecimentos), num *tempo* e *espaço*, marcados pela ação de *personagens* (atores sociais) e articulados pela ação de um sujeito que assume o lugar de *narrador* (jornalista).

Para este estudo, a categoria que mais interessa é a da *personagem*. Peixinho (2014, p. 331) argumenta que os recursos utilizados para construção de personagens estabelecem uma série de “dualidades no processo de construção da narrativa: a relação entre pessoa e personagem, do real e do ficcional e a personagem como uma construção semiótica”. Com efeito, a criação da personagem jornalística requer escolhas e seleções dos traços identitários definidores da persona pública representada nos *media*. Desse

ponto de vista, podemos entender a personagem como uma construção semiótica, na medida em que constituída por signos, embebidos de uma forte dimensão sócio-histórica. Assim, a figuração da personagem resulta de disputas entre a produção semântica do jornalismo, a influência de assessores de imagem do ator político, a crítica do próprio jornalista, os discursos que se alastram nas redes e nas mídias sociais. “O produto final, que chega ao público, é já o resultado de composições intersubjetivas, dialógicas e altamente profissionalizadas” (ARAÚJO; PEIXINHO, 2017, p. 236).

Nota-se que, assim como na narrativa literária, na narrativa jornalística, existem personagens que assumem lugar de representação de ideias coletivas que estão para além de sua atuação no jogo narrativo imediato. São personagens-tipo, conhecidas por fazer a síntese entre o individual e o coletivo (REIS; LOPES, 2013; ARAÚJO; PEIXINHO, 2017). No caso de Bolsonaro, como se trata de uma figura que incorpora valores da extrema-direita, vamos encará-lo como personagem-tipo, ou seja, aquela que faz a ligação entre uma dimensão coletiva - as simbologias e pautas extremistas - e uma dimensão individual, colada ao indivíduo que as representam. No contexto deste trabalho, interessa analisar como esta personagem se configura nas capas de duas revistas semanais de informação, entendendo que a capa tem forte potencial narrativo, marcada por características discursivas que facilitam a figuração dos atores sociais.

A capa da revista como espaço de figuração

A capa das revistas pode ser entendida como uma “vitrine” e ajuda a moldar a identidade do veículo. Trata-se do primeiro contato do leitor com a publicação, espaço agregador das informações mais importantes da edição. No jornalismo de revista, capas são sempre constituídas de diferentes efeitos de sentido, com estratégias de enunciação capazes de criar sensações e estabelecer uma forte intimidade com o leitor. Marcia Benetti (2013, p. 2) argumenta que o jornalismo de revista se apresenta como um modelo muito específico de discurso, que “acaba por construir uma série de sentidos sobre o mundo com um formato lento, reiterado, fragmentado e emocional”. Assim, a principal singularidade do jornalismo de revista está em poder lidar com notícias e acontecimentos de uma forma única e peculiar, afinal não necessita de seguir os padrões temporais do jornalismo televisivo ou de jornais diários impressos ou online. Para este texto, entender o jornalismo de revista e sua capa como espaços de articulação narrativa

é fundamental para a compreensão do trabalho de figuração de Jair Bolsonaro em Veja e CartaCapital.

A revista proporciona ao leitor uma experiência que ultrapassa os limites de uma leitura superficial e rasa; o veículo de informação é capaz de colocar o acontecimento como parte da construção de uma experiência, além de provocar no leitor o que Campbell (2006), citado por Benetti (2013), denomina de “ontologia das emoções”, ou seja, o veículo não quer apenas informar e trazer os principais assuntos; ele procura instituir um vínculo emocional com seu público (BENETTI, 2013). No discurso articulado pelas revistas, são comuns os efeitos poéticos, as construções de sentido que recorrem a estratégias de intertextualidade, metáforas e outros artifícios de linguagem para criar interesse no leitor e produzir sentidos capazes de expressar interpretações que tendem a estar para além da notícia e da reportagem dadas.

Assim, as revistas de informação conectam a atualidade com a experiência contemporânea do leitor, inserido num dado contexto sociocultural. As capas de Veja e CartaCapital sobre Bolsonaro se configuram, pois, como espaços de enunciação de uma experiência política vivida no Brasil contemporâneo. São, portanto, uma possibilidade interpretativa no jogo narrativo pela definição do real mediatizado.

Desenho metodológico

A análise articula as possibilidades analíticas presentes em três categorias de construção de personagens, descritas no Quadro 1.

Quadro 1 - Categorias de construção de personagens

Categorias	Descrição da categoria
CARICATURA	Conceito correlato do de retrato, que exagera ou distorce certos traços de uma figura, sejam eles físicos, sociais ou comportamentais com vista a criar efeitos. Aqui, observaremos os efeitos poéticos, metafóricos, no texto e na imagem das capas.
FIGURAÇÃO	Dispositivos de elaboração da personagem. Observaremos os traços associados a Bolsonaro:

	comportamentais, psicológicos, ideológicos.
METALEPSE	Entendida como transgressão deliberada entre dois universos: o da narração e o da narrativa. Relação da narrativa com o contexto social e político do narrador-jornalista.

Fonte: adaptado de Peixinho e Araújo (2017).

De natureza qualitativa, a análise estuda seis edições de *Veja* e *CartaCapital*, três de cada publicação, considerando as capas e as respectivas reportagens, publicadas no primeiro semestre do governo Bolsonaro, de janeiro a junho de 2019. De *Veja*, analisam-se as edições: 2615, 2616 e 2617. Em *CartaCapital*, incluem-se as edições 1047, 1053 e 1060. Estabeleceu-se como critério de coleta a presença da figura de Bolsonaro como destaque principal da capa. A partir da exploração das categorias de análise narrativa, o trabalho verifica a associação de palavras e a correlação de termos nas reportagens principais da edição sobre o ator social, para identificar os principais núcleos de sentido. Para isso, recorre-se ao software de análise textual *Voyant Tools*. Na análise textual, consideram-se as seguintes classes gramaticais: substantivos, adjetivos e verbos.

Sobre a caracterização dos veículos em análise, *Veja* é uma revista da editora Abril. Fundada em 1968, tem foco principal em assuntos relacionados à política, economia e cultura, com abrangência nacional. A revista mantém um alinhamento editorial claramente à direita do espectro político, com a defesa de teses liberais na economia. Já *CartaCapital* é uma publicação da Editora Confiança, dirigida pelo jornalista Mino Carta. Fundada em 1994, *CartaCapital* assume uma postura de análise crítica da sociedade, a partir de uma leitura comum ao espectro político da esquerda. A apresentação e discussão dos elementos empíricos, no item a seguir, serão feitos de forma sequencial, inicialmente, as edições de *Veja*, seguidas dos números de *CartaCapital*.

Análise: Jair Bolsonaro como personagem jornalística em *Veja* e *CartaCapital*

A análise tem início com a edição nº 2615, de *Veja*, de 02 de janeiro de 2019 (Figura 1), publicada um dia após a posse de Bolsonaro. A capa apresenta a imagem do

novo presidente por meio da junção de elementos textuais e imagéticos que sugerem um tom antiquado, como se nota pela mimetização de um retrato à antiga, o que sinaliza um efeito de sentido de regresso a um tempo aparentemente sombrio.

Figura 1. Capa da edição de Veja de 02/01/2019



Fonte: Acervo de Veja.

Os elementos que aparecem na moldura são dotados de muitas possibilidades semânticas: temos ilustrações de armas de fogo, uma bíblia, além do próprio gesto da personagem, que mimetiza uma arma com os dedos. Trata-se de uma iconografia constitutiva da personagem retratada, que remete o leitor para o discurso dogmático e bélico da campanha. São simbologias que fazem alusão a propostas e ideias do presidente, como o uso irrestrito de armas de fogo ou o lema de sua campanha, “Deus estaria acima de todos”. Em vez da Constituição e das leis, a Bíblia torna-se, estrategicamente, o elemento simbólico incluído na capa. Em linhas gerais, a composição imagética da capa causa uma sensação de estranhamento. Apesar de ser a capa de uma edição sobre a posse de um novo presidente, o anúncio não parece ser de novos ares.

Em conexão com a imagem, o título “Almanaque Bolsonaro” diz ao leitor que aquela edição vai apresentar um guia de entendimento do estilo do novo presidente – reforçando-se a atmosfera enigmática e de dúvidas que, para a publicação, marcava aquele momento brasileiro. Metaleticamente, a figuração de Bolsonaro nesta edição diz muito sobre a política e a sociedade contemporâneas no Brasil. A reportagem

principal detalha o discurso autoritário e extremista do novo presidente, mas recorre a pensadores e filósofos em busca de “explicações” para o estilo. A reportagem aprofunda efeitos de sentidos construídos na capa.

Na edição nº 2616, de 9 de janeiro de 2019 (Figura 2), percebemos uma aparente mudança no tom da publicação. As características da fotografia da posse conferem ao ator social uma posição mais positiva, reforçada pelo destaque aos números de popularidade incluídos na capa. O narrador situa Bolsonaro dentro de uma certa liturgia do cargo, a que o leitor é remetido pela fotografia histórica, comum aos presidentes brasileiros em dia de posse. Existe, entretanto, um elemento na composição imagética da capa que acrescenta efeitos de sentido à figura do ator social. É possível enxergar os braços de uma pessoa logo atrás cuja identidade será revelada ao leitor no texto da reportagem. Trata-se do filho Carlos Bolsonaro, o qual teve papel central na campanha eleitoral e virá a exercer função decisiva na mobilização de alas radicais do bolsonarismo durante o governo do pai.

Figura 2. Capa da edição de Veja de 09/01/2019



Fonte: Veja

A imagem e a veiculação de números sobre a opinião da população, otimista com o governo naquele momento, ajudam a criar uma atmosfera de confiança, mas ainda com dúvidas: veja-se a classificação do discurso de posse como “raso”. O título da capa, “Agora é para valer”, impede que a normalização seja total. Trata-se de

expressão corriqueira, para significar que algo vai “realmente” acontecer, mesmo diante de dúvidas. A reportagem de Daniel Pereira e Gabriel Castro, intitulada "Façam suas apostas", classifica o discurso como “superficial”, mas não chega a defini-lo como extremista ou autoritário, apesar de Bolsonaro ter feito ameaças diretas antidemocráticas a adversários políticos no discurso ao povo. O veículo traça comparações com o governo de Dilma Rousseff, fora do poder há dois anos, destacando as declarações do presidente em oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT). Claramente Veja foi comedida na qualificação do discurso do presidente, cujo tom real fora de ataque direto a adversários. Além disso, ao mostrar dúvidas sobre o que faria Bolsonaro, esquece-se das diversas demonstrações de extremismo dadas pelo novo presidente nas três décadas como deputado federal.

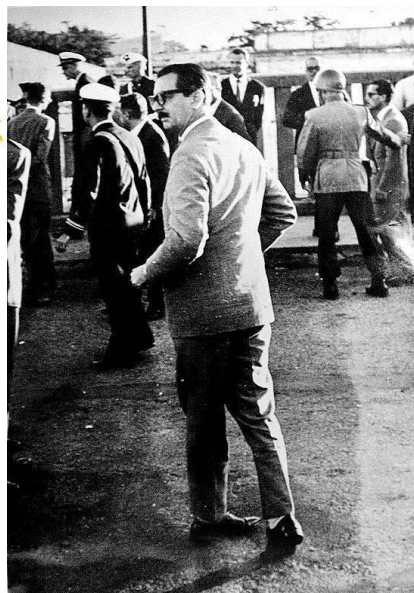
A edição nº 2617, de 16 de janeiro de 2019 (Figura 3) é, igualmente, rica em efeitos de sentido que ajudam a compor a figuração de Bolsonaro como personagem.

Figura 3. Capa de 16/01/2019



Fonte: Acervo de Veja

Figura 4. Qual o rumo?



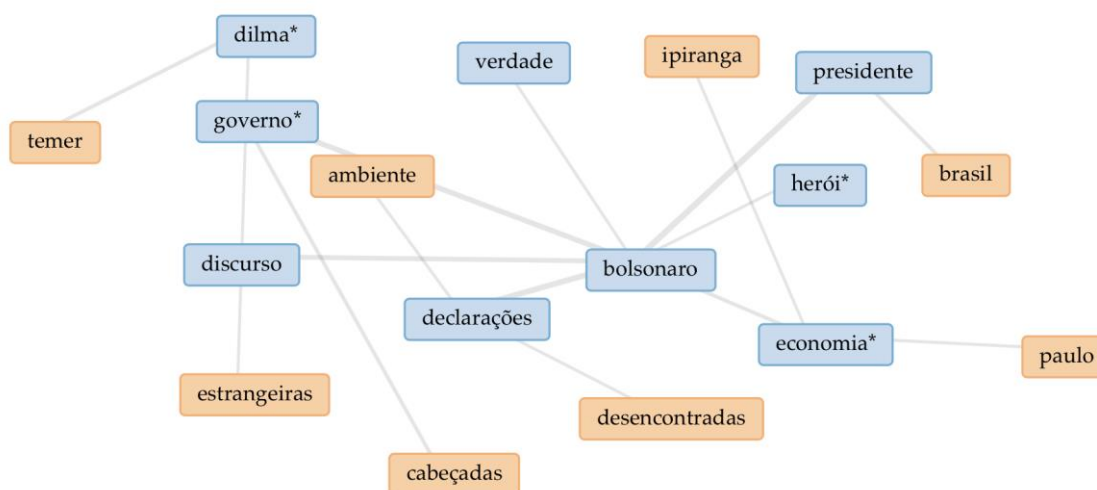
Fonte: Jornal Opção

Recorrendo à interdiscursividade, a capa faz uma releitura de uma fotografia do ex-presidente Jânio Quadros (31 de janeiro a 25 de agosto de 1961), publicada no Jornal Opção, em 21 de abril de 1961, de Erno Schneider. A foto, na época intitulada como "Qual o Rumo", antecipa, premonitoriamente, a renúncia do presidente, que ocorreria semanas depois. Assim como Bolsonaro, Jânio foi eleito com discurso messiânico e

retórica anticorrupção. A fotografia-montagem deixa antever um líder errático, pálido e vago, desmoralizado pelos “desmentidos” - uma “confusão na largada”. A reportagem principal da edição aprofunda essa atmosfera. Intitulada “Tuitadas e trombadas”, mostra as falas “equivocadas” de Bolsonaro no Twitter, caracterizando-o como um “político falho”, “desmentido” e “duvidoso”. Numa atitude de normalização da figura Bolsonaro, a revista chega a afirmar que “tropeços, cabeçadas em desacordos são comuns em qualquer governo”.

Passamos, agora, a uma sistematização dos efeitos de sentido presentes nas três edições até aqui analisadas. A ramificação apresentada na Figura 5 apresenta os principais termos utilizados por Veja nas reportagens principais das edições analisadas, bem como, as relações entre esses termos:

Figura 5. Esquema de relações entre palavras de Veja na figuração de Bolsonaro



Fonte: elaboração dos autores a partir do processamento de dados Voyant Tools

Identificamos os termos mais recorrentes nas reportagens: “Bolsonaro” (55 vezes), “presidente” (33 vezes), “governo” (27), Brasil (13), “discurso” (10), “declarações” (8), “Dilma” (7), “economia” (7) e “verdade” (6). Como as palavras configuram sentidos a partir de relações estabelecidas, resolvemos observar as mais recorrentes. A tonalidade azul representa as palavras que aparecem com maior

frequência, já a tonalidade alaranjada deixa em evidência as ligações secundárias. Notamos que a palavra "Bolsonaro" se relaciona, pelo menos uma vez, com o adjetivo "herói" e está relacionada diretamente a "verdade" e ao termo "declarações", que mantém relações com a palavra "desencontradas". Já "presidente" aparece relacionada com "governo", que apresenta três ou mais ligações com "Dilma", para fazer menção à crise econômica do governo da ex-presidente. Em contrapartida, "Economia", quando associada ao substantivo "Paulo Guedes", aparece ligada a "Bolsonaro".

Passando às edições de CartaCapital, a primeira vez em que Bolsonaro aparece com centralidade na capa é na edição de 27 de março de 2019 (Figura 5). Ainda assim, a personagem principal é outra: Donald Trump. Bolsonaro aparece com estatura reduzida em relação ao então presidente dos Estados Unidos. Ao incluir ambos os líderes na capa, em posições distintas, a revista evidencia semelhanças de estilo, mas sobretudo *as diferenças de poder* entre os dois.

Figura 5. Capa da edição de 27/03/2019, de CartaCapital



Fonte: Acervo CartaCapital

Bolsonaro surge de cabeça baixa, com um subtítulo na capa que parodia o slogan de sua campanha: em vez de "O Brasil acima de tudo", surge "Trump acima de tudo". Este figura como inspiração e senhor de Bolsonaro. Estabelece-se, no plano da metalepse, um paradoxo com a pretensão nacionalista do bolsonarismo. A ideia de patriotismo é desconstruída pelo narrador, que reforça a subserviência do Brasil aos

EUA, em referência à política internacional do novo governo. Intitulada "Pateta vai à Disney", a reportagem caricaturiza o brasileiro, chamando-o de "pateta", em alusão à personagem de *Walt Disney*. A diferença em relação a *Veja* aprofunda-se fica evidente. *CartaCapital* classifica, claramente, Jair Bolsonaro como "extremista", chegando a associá-lo a uma iconografia terrorista (Figura 6).

Figura 6. Capa da edição de 05/05/2019, *CartaCapital*



Fonte: Acervo de *CartaCapital*

Na edição de maio de 2019, observa-se o recurso, comum nas capas das revistas, à interdiscursividade, criando uma atmosfera ameaçadora, caricatural e, ao mesmo tempo, cômica. O narrador trabalha com uma situação discursiva carregada de simbologias que remetem o leitor para uma geografia do terror e do medo ao associar Bolsonaro a líder do movimento fundamentalista islâmico Talibã, que se difundiu no Paquistão e, sobretudo, no Afeganistão, a partir de 1994. As figuras de Olavo de Carvalho e de Abraham Weintraub, respectivamente mentor ideológico do bolsonarismo e ministro da Educação de então, ajudam a compor o grupo de fundamentalistas. Ambos integram a “ala ideológica” do governo, um grupo que investe em teorias da conspiração e na propagação de mentiras. Na reportagem, o veículo trata os posicionamentos do presidente como ameaça à democracia. “Cheiro de nazismo”, narra a revista, em referência direta ao partido alemão cuja ideologia promoveu a morte de mais de seis milhões de judeus durante a segunda guerra mundial.

Por fim, olhemos a capa da edição 1060, de 26 de junho de 2019 (Figura 7). Bolsonaro é associado à figura do ex-presidente Hugo Chávez, da Venezuela, que assumiu, a partir de um determinado momento, posições bastante controversas do ponto de vista da democracia. O que é mais interessante na capa é a associação de Bolsonaro a um líder latino-americano criticado por atitudes autoritárias, do qual Bolsonaro sempre procurou demarcar-se. Em várias ocasiões, afirmou que “*eles* não transformariam o Brasil numa Venezuela”, considerando o país vizinho como uma ditadura. CartaCapital classifica Bolsonaro como um “Chávez pelo Averso”, um líder autoritário, representado como caricatura chavista.

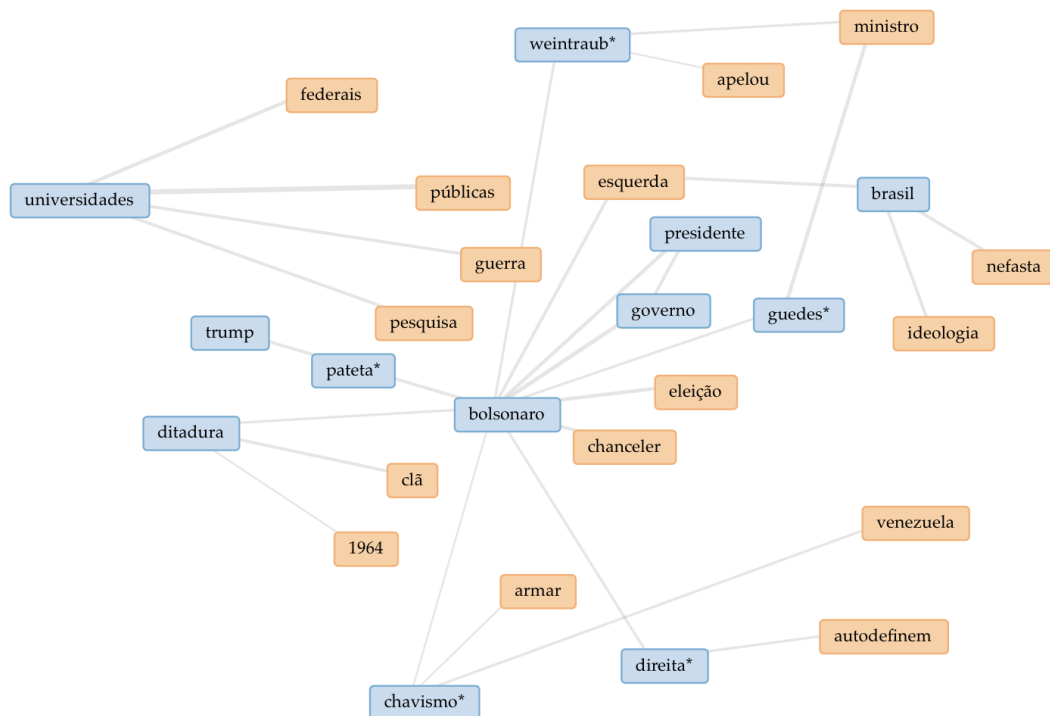
Figura 7. Capa de 26/06/2019



Fonte: CartaCapital

Partindo para uma sistematização dos principais efeitos de sentido nas três últimas edições analisadas, a Figura 8, assim como fizemos com Veja, apresenta os termos mais recorrentes e as relações entre eles no discurso de CartaCapital sobre Jair Bolsonaro.

Figura 8. Esquema de relações entre palavras de CartaCapital, na figuração de Bolsonaro



Fonte: elaboração dos autores a partir do processamento de dados Voyant Tools

As palavras mais recorrentes são: “Bolsonaro” (76), “presidente” (44), “Brasil” (36), “Universidades” (29), “Trump” (15), “direita” (13), “Guedes” (13), “Venezuela” (13), “ditadura” (9), “Weintraub” (8), “ideologia” (8) e “pateta” (8). “Bolsonaro” aparece relacionada, ao menos duas vezes, com “Trump” e “Guedes”, que está diretamente ligado a “economia”; o “Bolsonaro” aparece ligado a “pateta” diversas vezes. Já a palavra “universidades” está em ligação, pelo menos duas vezes, com “guerra”, relacionada com “bolsonaristas”, em ligação com “ditadura”. Evidencia-se que o veículo faz escolhas lexicais muito mais precisas no sentido de tornar representável o perfil empiricamente observado de Jair Bolsonaro. Com efeito, a figuração de Bolsonaro em CartaCapital ancora-se num sentido de denúncia do extremismo do novo presidente, que, na perspectiva da revista, colocaria em risco a democracia brasileira.

Conclusões

Neste artigo, procuramos analisar como o ator Jair Bolsonaro se configurou como personagem jornalística nas narrativas de duas revistas nacionais sobre os primeiros meses de um governo que marcou a ascensão da extrema-direita ao poder, no Brasil. Partimos do pressuposto de que este processo de figuração, centrado no indivíduo principal do enredo, Jair Bolsonaro, possui uma abrangência maior, no sentido de expressar a dinâmica sociopolítica vivenciada no Brasil atual.

Em síntese, apesar de algumas aproximações, existe uma diferença clara nos efeitos de sentido construídos pelas revistas, no corpus analisado. Veja silencia diversos aspectos evidenciados por CartaCapital - apesar de aquela, em uma das edições estudadas, ter levantado suspeitas sobre se Bolsonaro chegaria ao fim do mandato. Ao analisar as relações entre as palavras, em busca dos principais núcleos de sentido das narrativas, nota-se que apesar das referências a símbolos dogmáticos, bélicos e autoritários, Veja não assume claramente Jair Bolsonaro como personificação da extrema-direita, mas como um chefe de estado “errante”, “equivocado”, o qual, apesar disso, ainda conta com um capital importante representado pela figura de Paulo Guedes, este representante de interesses neoliberais, defendidos pela publicação historicamente. Já CartaCapital mostra um cenário muito mais sombrio e deletério na figuração do novo presidente brasileiro, dado que o associa a uma ameaça à vitalidade da democracia. A revista aproxima a personagem de Jair Bolsonaro de outros chefes de Estado e de ideologias que o próprio criticava, como a do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez.

Entendemos que os achados da análise possibilitam o aprofundamento de reflexões sobre o modo como o jornalismo brasileiro, especialmente o de revista, tem lidado com uma conjuntura política inédita no país. Em suma, ao deixar de enfatizar o extremismo de Bolsonaro, adotando um tom bastante menos assertivo que CartaCapital, Veja colabora, ao menos no conjunto de edições analisadas, para uma aparente *normalização* da extrema-direita personalizada na figura de Jair Bolsonaro.

Referências

ALI, F. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

ARAÚJO, Bruno Bernardo; JORGE, Thaís de Mendonça. Discurso narrativo e corrupção política: a construção de uma cobertura legalista e personificada em *Veja* e *CartaCapital*. **Verso-Re-verso**, [s. l.], 2015.

ARAÚJO, Bruno; PEIXINHO, Ana Teresa. **Narrativa e media**: gêneros, figuras e contextos, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

BARTHES, R. Analyse Structurale du récit, in **Poétique du récit**. Paris: Seuil (Points), 1977.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero** (facaspar): [s. n.], 2007. 14-26 p. v. 20.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico;

SCHWAAB, Reges (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 44-57.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: As bases metafísicas do consumo moderno. In: Barbosa, Livia & Campbell, Colin (org). **Consumo, cultura e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MAZZOLENI, G; BRACCIALE, R. La Política Pop Online, Mulino, 2019. MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

MOTTA, Luiz G. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism**: A very short introduction. Oxford University Press, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1990.

PEIXINHO, Ana Teresa. Procedimentos retórico-narrativos: O caso do jornal *Expresso* durante o verão de 2013, **Revista de Estudos Literários**: v. 4 (2014): Personagem e Figuração.

REIS, C. **Pessoas de livro**. Coimbra: IUC, 2015.

REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de narratologia**. 7 ed. Coimbra: Almedina, 2003.